

Histórias e memórias de um tempo ainda presente: gênero, infância e muitos ideais para as órfãs do Asilo de Lourdes desde 1879 até poucos dias

Lívia Gozzer Costa¹

Resumo: O Brasil ainda vivia sob as rédeas do Império de D. Pedro II quando o Asilo Nossa Senhora de Lourdes (ANSL) foi inaugurado em Feira de Santana, no outono de 1879. A ideia primeira do fundador desta obra cristã, Padre Ovídio de São Boaventura, era dar abrigo e educação às meninas pobres, órfãs e abandonadas que ele via vagar sem destino pelas ruas e estradas que entrecortavam a urbe feirense. Meninas, somente meninas abrigaria o ANSL. Muito distante de ser apenas uma instituição de recolhimento e educação, o asilo simbolizava o desejo de conservar um ideal de mulher cristã em meio aos “perigos” que cercavam as moças. Durante a permanência, as órfãs trabalhavam e estudavam para que no máximo aos 21 anos elas pudessem deixar a instituição com um casamento arranjado, para serem empregadas domésticas requintadas em casas de famílias abastadas ou preparadas para trabalharem no próprio asilo como professoras. A menina Maria Alves dos Santos extrapolou essas expectativas: natural da Chapada Diamantina, Bahia, a jovem surpreendeu as senhoras administradoras do asilo com um desempenho escolar admirável aliado ao bom comportamento, o que lhe garantiu um auxílio para estudar na Escola Normal, afim de obter carta de aluna-mestra. A órfã Maria foi uma destas garotas normalistas em formação responsável por dar continuidade a uma espiral histórica da qual ela foi protagonista duas vezes: vítima de abandono e depósito do futuro da nação. Parafaseando Georges Duby, a História continua...

Palavras-chave: História, infância, gênero, órfãs.

Localizada à Rua Conselheiro Franco, nº 32, a primeira sede do Asilo Nossa Senhora de Lourdes nasceu fruto do desejo do Padre Ovídio de São Boaventura em recolher, dar abrigo e educação a dezenas de meninas que vagavam pelas ruas e estradas ao redor de Feira de Santana, principalmente nos períodos de crise econômica motivadas pelas secas que historicamente assolam as bandas de cá do sertão. Dada a limitação em seu espaço físico somente dez órfãs foram acolhidas no primeiro ano de fundação do ANSL, deixando à mercê da sorte grupos de famílias que todos os dias batiam à porta da instituição.

Não parecia tarefa fácil ser uma asilada de Lourdes. Se compararmos ao modelo da roda do expostos adotado pelas Santas Casas de Misericórdia de Salvador ou Rio de Janeiro, onde bastava deixar a criança na roda giratória, identificada ou não, doente ou sadia,

¹ Mestre em História, Cultura e Poder pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2013). Professora de História do Instituto Federal da Bahia, campus Feira de Santana. Contato: liviagozzer@gmail.com

pela mãe, pai ou qualquer outra pessoa, sendo desnecessária a identificação do sujeito que abandonava², perceberemos que as diferenças se iniciavam no momento da entrada no asilo.

Para ser admittida uma orphan no Asylo de Lourdes deverá o interessado apresentar á irmã Directora um requerimento por escripto, acompanhado de documentos que provem: (a) morte ou abandono ao menos de um dos paes, e que a orphan é pobre sem meios sufficientes para sua educação; (b) não ter parentes em condições de amparal-a ou que não queiram amparal-a; (c) não ter menos de cinco annos, nem mais de doze, sendo a idade provada por certidão ecclesiastica, salvo o caso de completo abandono pelas ruas; para o que será bastante um attestado do parocho (COSTA, 2013).

As documentações exigidas já eram por si só um embargo para as famílias que desejavam deixar suas filhas sob os cuidados do ANSL. Providenciar registro de óbito de um dos pais, certidão de batismo que provasse a idade da menina, atestado de pobreza que desse conta de provar a incapacidade financeira dos responsáveis em sustentar a criança, além da mesma não poder adentrar a casa com qualquer moléstia contagiosa ou incurável e dos pais ou responsáveis não terem mais jurisdição sobre a criança a partir do momento em que ela adentrasse o ANSL.

Parece que a solução mais simples era deixar as meninas em completo estado de abandono nas ruas de Feira de Santana, afinal de contas existia uma instituição direcionada ao recolhimento destas criaturas. Autorizada sua entrada com a permissão do pároco, ficariam as asiladas sob os cuidados das Irmãs Sacramentinas francesas, primeiras desta congregação religiosa a desembarcar no Brasil, em 1903, incumbidas da direção do ANSL; das Senhoras de Caridade, damas da sociedade feirense que administravam as finanças da instituição e promoviam atividades para ampliar os rendimentos da casa religiosa; e do pároco - posto ocupado pelo fundador Padre Ovídio por menos de sete anos, tendo em vista sua morte precoce.

Nas primeiras décadas do século XX, Feira de Santana buscou assentar-se entre as cidades de maior expressão nacional, amparando-se nos moldes urbanizadores e progressistas oriundos da capital nacional, Rio de Janeiro, operando o que Oliveira (2011) denominou como jogo dialético dos apagamentos e inscrições responsáveis pelo erguimento da nova cidade ao tempo em que emudecia as memórias e práticas sociais típicas da *Feira*. As crianças

² Mudanças nas regras de recolhimento de crianças pelas Santas Casas de Misericórdia foram verificadas no transcorrer do século XIX e XX com o intuito de identificar os responsáveis pelo ato do “abandono”. As limitações e sucessos desta prática podem ser lidas em RUSSEL-WOOD (1981) e RODRIGUES (2003).

pobres, órfãs e abandonadas foram duplamente afetadas pelo projeto em questão na medida em que, primeiramente, inúmeros discursos passaram a pensar as crianças como os futuros trabalhadores disciplinados de amanhã, moldados nos aparatos ordem e saúde, elementos indispensáveis para o desenvolvimento da nação brasileira. Para tal fim, os estados e municípios, além da esfera civil, não deveriam medir esforços no sentido de fortalecer a “raça doente e preguiçosa” que via vagar perdida e desamparada.

Com a perspectiva de gênero as preocupações vão além, pois refletiu-se não só sobre as preocupações decorrentes da presença de filhas da escravidão pelas ruas da *urbe* feirense mas na necessidade de “moldar” essas meninas segundo os postulados cristãos de uma sociedade que enxergava o feminino como pilar da família. Esse discurso pode ser lido com frequência nos veículos de comunicação da cidade, notadamente no Jornal Folha do Norte, semanal que em 1914 publicou um pedido de doações para o erguimento de um novo ANSL que desse conta receber uma maior demanda de meninas órfãs.

O Asylo de Lourdes representa para nos um monumento e uma relíquia, onde se espelha e revive, uma das mais sublimes manifestações de grandeza d'alma e bondade de coração [...]
Accresce, porém, que o Asylo de Lourdes symbolisa tambem, no nosso meio, o zelo vivo e palpitante pela conservação da pureza de costumes e pelo engrandecimento da mulher na elevação do seu coração, procurando com o abrigo á juventude de hoje garantir a felicidade da sociedade de amanhã (COSTA, 2013).

Como sugere a notícia acima transcrita o asilo simbolizava o desejo em conservar um ideal de mulher cristã para garantir a felicidade futura da nação. Nessa citação é possível perceber a historicidade dos papéis de gênero, que impingem às meninas desde tenra idade

a marca de ‘ser mulher’, internalizam desde cedo que o público é o masculino e que embora possam vir a participar dele, o espaço doméstico continua sob sua responsabilidade. A solicitação da maternidade, mais cedo ou mais tarde imprime-se nas suas vidas. As transformações do corpo de menina à mulher define o papel sexual que deve exercer. A sensualidade, o desejo e o prazer, são componentes requeridos à sua identidade feminina [...] (DIAS, 1997).

Futura professora, mãe, mulher de família, dona de casa, protetora dos maridos e dos filhos, o gênero feminino sempre coexistiu com um aparelhamento ideológico e cultural que buscava atrelá-la à imagem mariana, virgem e passiva. Os perigos da prostituição que

cercava as meninas abandonadas pelas ruas e estradas do município feirense afastavam essas expectativas criadas em torno delas. Neste sentido, o ANSL se tornou o baluarte da conservação do comportamento ideal feminino em Feira de Santana. A rotina ideal de uma menina no âmbito institucionalizado de um asilo, tocando piano, recitando poesias ou aprendendo bordado foi ofertada como produto cultural aos consumidores, às famílias, que se apropriaram deste independente da classe e etnia à qual pertenciam.

Logo que fossem admitidas pelas irmãs sacramentinas para ocuparem uma das concorridas vagas do asilo, as órfãs eram inseridas num sistema de educação que incluía o ensino de

[...] línguas portuguesa e francesa, arithemetica, systema métrico, instrução religiosa, história sagrada e noções geraes de história no Brasil, alem das prendas domesticas e trabalhos de agulha e outros adequados ás suas condições, como lavar, gomar e cozinhar (COSTA, 2013).

É nítido que currículo escolar do ANSL tinha por objetivo preparar as meninas para serem futuras donas de casa prendadas, compatíveis com o ideal estabelecido para o gênero feminino da época ou trabalhem enquanto professoras primárias do próprio asilo ou escolas na *urbe* feirense. O ser professora, profissão majoritariamente desempenhada por mulheres, vinha ancorado segundo o discurso que via a

[...] mulher como possuidora de uma certa *tendência natural* ao cuidado das novas gerações; com um destino e uma missão biológica de mãe, comum a todas as mulheres, em voga na época nos livros de psicologia e fisiologia. Estes afirmavam ser da natureza feminina o cuidado e amor às crianças, mesmo naquelas mulheres que a natureza impedisse de gerar filhos (SOUSA, 2001).

No ano de 1908 ainda não haviam sido introduzidos no cotidiano das órfãs os trabalhos de datilografia, visto a ausência de descrição desta atividade no relatório do período citado. Mesmo com a inserção dessa nova atividade parece que os serviços de costura, bordados e outros trabalhos com agulha eram os mais apreciados pela direção do estabelecimento devido a posterior venda de toalhas, panos de prato, fraldas e toalhas de mesa em quermesses, feiras, saraus e outras festas realizadas pela administração das Senhoras de Caridade.

Caso desejassem um trabalho feito sob encomenda as pessoas interessadas poderiam fazer qualquer pedido de bordado ou costura a mão ou máquina que as órfãs

estariam aptas a realizar trabalhosa atividade. Vivenciar o cotidiano no ANSL era antes de tudo trabalhar para a sua própria permanência, em vista das dificuldades financeiras enfrentadas pela administração do asilo desde os primeiros anos de fundação.

Na fotografia abaixo, mais uma concernente ao álbum encomendado pela administração da casa supostamente afim de evidenciar aspectos cotidianos e estruturais do ANSL, é possível encontrar ao menos quatro órfãs em atividade de bordado a mão (localizadas nas extremidades direita e esquerda da fotografia), outras duas meninas trabalhando em costuras feitas à máquina (mais deslocadas à esquerda da imagem, em fila) e uma última órfã operando uma máquina de escrever (à direita, virada de lado), todas sob estrita supervisão de uma mulher que aparece sombria na fotografia, mas cuja identidade, com base nos relatórios do asilo, acreditamos ser de uma irmã sacramentina.

Imagem 1: órfãs em aula de costura e datilografia, década de 1930.



Fonte: Biblioteca do Colégio Padre Ovídio

Além das aulas de Português, História, Economia Doméstica e Religião ficou evidente que outras disciplinas e/ou atividades destinadas às órfãs perpassaram por aquilo que Freire (1998) denominou de reeuropeização dos costumes no Brasil. Segundo o autor pernambucano, uma vastidão de novos hábitos de comer e vestir advindos da França e Inglaterra tomaram conta do cotidiano dos grupos abastados brasileiros: vestimentas com duas ou três saias, botinas de pelica preta e gorras de veludo destinadas às meninas eram responsáveis pelo surgimento de assaduras nas pernas e brotoejas pelo corpo.

Muitas de origem francesa, algumas poucas da Alemanha, as irmãs sacramentinas cruzaram o Atlântico trazendo em suas bagagens muito da cultura europeia para o cotidiano do ANSL. O currículo educativo implantado na instituição seguia de perto os preceitos destacados por Freire (1998): “*a educação toda reeuropeizou-se, ao contato maior da colônia e, mais tarde, do Império com as ideias e as modas inglesas e francesas*”. O estudo do francês entre as órfãs era obrigatório e tendência entre as mulheres mais abastadas da sociedade feirense, contando inclusive a população europeizada da *terra de Lucas*³ com textos e poesias em língua inglesa e francesa publicados costumeiramente no semanário *Folha do Norte*.

Além do idioma estrangeiro, as órfãs eram iniciadas nos exercícios físicos, estando de acordo com os preceitos médico-higienistas do período que alertavam sobre a necessidade de exercitar o corpo e a mente, trabalhando-os em prol do desenvolvimento deste novo ser humano. O corpo cansado, pouco atlético e preguiçoso do homem brasileiro de outrora deveria dar espaço para a *mens sana in corpore sano* (mente sã em um corpo sã). Somente o sujeito corporalmente e mentalmente adaptado a esta nova cidade em desenvolvimento serviria aos seus novos desígnios. Não havia mais lugar para as raças degeneradas: as órfãs feirenses necessitavam adentrar urgentemente neste novo padrão de comportamento.

Conforme apontado por Rago (1985), “*às crianças das famílias abastadas, o poder médico recomendava o preenchimento das horas vagas com leituras selecionadas e ginástica*”. As atividades físicas desempenhadas pelas órfãs estavam de acordo com o discurso médico então vigente:, além da carga diária excessiva de leitura, os exercícios de ginástica sueca ocupavam as horas de Educação Física praticada pelas meninas.

O ensino religioso, vide o anseio pela mulher virtuosa e imaculada, era ofertado diariamente ao passo que a catequização das crianças ficava a cargo do novo capelão do asilo, Padre Mário Pessoa, que tinha a companhia de uma mulher para a vigilância das órfãs. Na imagem a seguir, cuja sala de aula improvisada tinha por mesa de estudo caixas de madeira que comportavam gasolina, curiosamente estão dispostos meninos e meninas, cada grupo no

³ Alcinha da cidade de Feira de Santana que diferente da “Princesa do Sertão”, tem se manifestado como o símbolo da resistência à escravidão quando este sistema vigorou na cidade. Ao atribuir à imagem de Feira de Santana o nome de um escravo rebelde deseja-se evidenciar que, apesar dos momentos de dificuldades enfrentados no cotidiano da *urbe* elas foram encaradas “*com muita coragem pelos oprimidos*” ajudando “*a pensar que memória é o lugar de disputas entre grupos dominantes e subalternizados*”.

seu canto da sala. Talvez esse fosse um dos poucos momentos onde as meninas asiladas podiam compartilhar seu cotidiano com outras crianças do gênero oposto, ainda que estivessem sob o olhar atento da senhora. Tamanho cuidado com a separação entre meninos e meninas, advinha do temor que pairava sobre as diretoras e administradoras do ANSL acerca das possibilidades de envolvimento prematuro entre os gêneros.

Imagem 2: catequização de meninos e órfãs do ANSL, em 1926.



Fonte: Biblioteca do Colégio Padre Ovídio. Vestindo batina preta, Padre Mário Pessoa. Ao fundo, as 27 órfãs acolhidas pela instituição no ano do registro fotográfico.

Perceberemos pelos registros iconográficos que predominavam entre órfãs do ANSL crianças negras, característica que nos remete de imediato às reminiscências da escravidão abolida havia menos de quarenta anos no Brasil. Lima e Venâncio (1991) abordaram esta perspectiva sócio-histórica para a cidade do Rio de Janeiro a partir da efetivação da Lei do Ventre Livre de 1871, quando passou a ser registrado um aumento no número de crianças pardas e negras enjeitadas nas rodas dos expostos, adros de igrejas ou mesmo pelas ruas da cidade.

A constatação dos autores sobre esta correlação não deixou de antes considerar outras possibilidades, tais como as flutuações econômicas atuantes no empobrecimento dos grupos sociais financeiramente carentes e pela investigação da ilegitimidade nos casamentos como fator influente no abandono de crianças negras e pardas na capital carioca. Através do método comparativo os autores anularam estas duas últimas hipóteses e, ainda que a Lei de

1872 não tenha libertado tantas crianças escravas como se “supunha”, ficou evidente que ela era a chave necessária à compreensão da ampliação de abandonos de meninas e meninos pardos e negros.

As limitadas documentações disponíveis nos arquivos que guardam registros sobre a cidade de Feira de Santana do século XIX não nos permitiu enveredar pelos mesmos caminhos mas considerando a totalidade como um aspecto fundamental no fazer História temos em pauta as mesmas perspectivas lançadas pelos autores supracitados.

A criação do ANSL em 1879, oito anos após a criação da Lei do Ventre Livre, não foi aleatória considerando as pretensões do fundador do asilo em retirar das ruas meninas em completo estado de abandono. Ora, já está mais do que esclarecido pela historiografia da infância que o enjeitamento de crianças no Brasil data do período colonial, levando-nos a afirmar que crianças vagando sozinhas pelas ruas da cidade de Feira de Santana eram muito anteriores à efetivação da lei de 1871. Consideramos ainda o fato desta cidade baiana ter sido palco de uma das maiores feiras semanais do Brasil, atraindo comerciantes, vendedores ambulantes e compradores dos lugares mais distantes da Bahia e de outros estados. Nestes espaços possivelmente se misturavam famílias fugidas das secas comuns à Bahia do século XIX e talvez não fosse difícil encontrar crianças soltas perambulando abandonadas pela *urbe* feirense.

Parece que a efetivação da Lei do Ventre Livre incitou o jovem Padre Ovídio a fundar o ANSL. Sua ação caritativa teve por resposta o advento de uma demanda de meninas filhas da escravidão, completamente abandonadas segundo o ponto de vista da inclusão social.

Imagem 3: órfãs no recreio, década de 1930.



Fonte: Biblioteca do Colégio Padre Ovídio

Durante a permanência no asilo, as órfãs trabalhavam e estudavam para que assim que idade máxima de 21 anos se aproximasse elas pudessem deixar a instituição com um casamento arranjado, preparadas para trabalharem no próprio asilo como professoras ou para serem empregadas domésticas requintadas em casas de famílias abastadas. A menina orfã Maria Alves dos Santos natural, da Chapada Diamantina, pareceu fugir desse destino insofrito ao surpreender as Senhoras de Caridade administradoras do asilo com um desempenho escolar admirável aliado ao bom comportamento, o que lhe garantiu “[...] *auxílio preciso para estudar na Escola Normal, afim de obter carta de alumna-mestra*” (COSTA, 2013).

Ser normalista era, segundo Sousa (2001), viver sob um manto imagético que via as garotas sorridentes, alegres e em processo de preparação para “*ser professora, ser mestra nas vilas, distritos e povoados do município de Feira de Santana e circunvizinhos*”. Pesquisando mais a fundo a historiadora percebeu a relação existente entre a Escola Normal e os projetos de transformação social vigentes no Brasil elaborados na intenção de formar novas gerações disseminadoras de comportamentos e práticas pautadas na ordem e progresso nascidos com o alvorecer da República. A órfã Maria foi uma destas garotas normalistas em formação responsável por dar continuidade a uma espiral histórica da qual ela foi protagonista duas vezes: vítima de abandono e depósito do futuro da nação.

Referências

COSTA, Lívia Gozzer. **Capitães da Feira e outras crianças**: a infância pobre e abandonada de Feira de Santana entre 1879 e 1945. Feira de Santana, 2013. 162 páginas. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana.

DIAS, Acácia Batista. A família como palco da violência sexual. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n° 170, pp. 73-86, julho/agosto, 1997.

FREIRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: Introdução à História da sociedade patriarcal no Brasil – 2. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. Rio de Janeiro, Record, 10ª Ed., 1998.

LIMA, Lana Lage da Gama e VENÂNCIO, Renato Pinto. Abandono de crianças negras no Rio de Janeiro. In: PRIORE, M.D. (org.). **História da criança no Brasil**. São Paulo. Contexto. 1991, pp. 61-75.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **Canções da cidade amanhecendo**: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920 – 1960. Brasília, 2011. Tese de doutorado, Universidade de Brasília.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RODRIGUES, Andréa da Rocha. **A infância esquecida**: Salvador, 1900-1940. Salvador: EDUFBA, 2003.

RUSSELL-WOOD, A. J. R. **Fidalgos e filantropos**: A Santa Casa de Misericórdia da Bahia, 1550-1755. Trad. Sérgio Duarte. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.

SOUSA, Ione Celeste. **Garotas tricolores, deusas fardadas**: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945. São Paulo: EDUC, 2001.